

O PARTENON LITERÁRIO: LITERATURA E DISCURSO POLÍTICO

Regina Zilberman

A aproximação entre duas modalidades de discurso, o político e o literário, parece, à primeira vista, arbitrária, devido à gênese distinta de ambos, à diversidade de seus interesses e fins, assim como à sua trajetória no interior da vida social. E, quando ela é procedida, vem cercada de preconceitos, via de regra do seguinte teor:

a) o discurso literário deve se sujeitar a uma finalidade política, fazendo-se portador de uma idéia, de preferência transformadora da sociedade; neste caso, a intenção precede a produção e impede a consideração da questão de ordem estética;

b) a criação artística exclui o comprometimento político e toda associação entre estes dois setores vem contaminada por uma sujeição do artista a um ideal extra-estético; com isto, a sua obra se vê diminuída.

Em ambos os casos, a relação entre a literatura (ou arte) e a política é explicitada em termos de uma supremacia da segunda sobre a primeira, entendida esta como um ente muito frágil, incapaz de sobreviver ao contato com aquilo que é externo à sua natureza. Isto decorre da permanência de uma estética idealista, ao subordinar a poesia a uma meta exterior ou ao compreendê-la como um fim em si mesma, sendo que qualquer aproximação a um outro domínio da realidade determina sua sujeição. De um ou de outro modo, observa-se que somente por se manter afastada do real é que a criação literária conserva sua autonomia; caso contrário, ela deixar-se-á vencer e dominar.

O discurso político é, em vista disto, sua contrapartida: é forte, porque submete os demais a seus fins locais; e sua

autonomia não se deixa prejudicar por um maior acercamento à realidade, sendo que a noção que tem desta é a do imediato, isto é, real é o que pode ser atingido materialmente, passível da transformação e da história, das quais ele faz parte e se crê senhor. Por isto, suas relações com a arte desembocam num processo onde se reconhece sua supremacia e posição de dominação. Nesta medida, sempre que possível, ele se apropriará dos discursos adjacentes, incluindo-se aí a poesia que, sendo a de tipo mais maleável, adaptar-se-á logo à função que lhe é prescrita, originando-se disso sua dependência e degradação.

Configuram-se, pois, dois campos, de certo modo antagônicos, uma vez que, se aproximados, resultará a absorção da arte pela política e sua conseqüente perda da "aura"¹, assim como a consagração do discurso político. Por outro lado, desenham-se igualmente dois tipos de autonomia: a do poeta, que decorre de sua separação de um compromisso com o imediato, segundo os ditames da estética idealista; e a do político, que, portador de um discurso forte, pragmático, retira sua independência da sujeição das expressões que o cercam. Nesta medida, esta segunda modalidade de autonomia é uma extensão da primeira: provém da noção de que ela só existe quando subordina as zonas de expressão avizinhas, exercendo uma espécie de imperialismo, ao torná-las vassalas suas.

Um redimensionamento do problema se faz necessário quando se evidenciam os laços ideológicos que envolvem a explanação das relações entre literatura e política. E isto se faz possível através de um estudo das produções artísticas onde se verifica uma intenção não apenas criadora, mas, na mesma proporção, engajada. Neste sentido, o corpus de poemas escritos pelos componentes da Sociedade do Partenon Literário oferece um campo privilegiado de trabalho, não apenas porque seu Programa deixa claro que a atividade do grupo visa a atingir resultados pragmáticos, como se pode ver,

O Partenon criou uma tribuna, para a pugna oratória; uma biblioteca, onde reunirá as obras mais importantes relativas à grandiosa trindade de seus estudos: filosofia, história e literatura; aulas noturnas para os sócios que quiserem dedicar-se sem dificuldades ao grangeio da ciência; e afinal uma revista tão necessária, como as outras criações.²

mas também porque a grande parte de seus textos tem como assunto a escravatura, a guerra com o Paraguai, os ideais republicanos, a revolução farroupilha. Nesta medida, seu exa-

agiram em torno do Partenon Literário, foi o da abolição que congregou maior número deles. Todavia, seu tratamento literário não se inicia por eles, já que é com Castro Alves que a reação à escravidão negra adquire dignidade literária. Porém, no Rio Grande do Sul, o tema já fora objeto de uma lenda, a do Negrinho do Pastoreio. E a formulação que ele toma coincide em muito com o modo como será abordado pelos poetas. Assim, em ambos, na lenda e nos poemas, o escravo aparece antes de tudo como uma propriedade do estancieiro. É o que mostram os textos "Gabila", de Apolinário Porto Alegre, "Vozes d'alma", de Bernardo Taveira Jr., e "Em viagem", de Múcio Teixeira: Gabila, o fugitivo e o servo negro, respectivamente, pertencem ao senhor de terra, que o coloca no trabalho do campo e maltrata-o, quando ele não cumpre seu dever ou foge:

Eis a roça. A manivela greia e punge
Nos camalhões em renque. O sol da América
Surgindo dentre lindas, róseas nuvens,
Fulge nos brotos ao nascer doirados.
Os escravos ali, de enxada em punho,
Trabalham, e ao vaivém certo e incessante
Dos afiados ferros, em compasso,
Desprendem a monótona cantiga
Que a pátria longe evoca, além dos mares.⁴

Eis que tem lugar então um quadro horrível!
Mal inda vem rompendo a aurora,
E já o corpo do cativo ao ar suspenso
Arqueja entre as estacas que o sustentam,
À voz do capataz ergue-se um braço
Manejando o azorregue que da vítima
As carnes lhe retalha a cada golpe.⁵

O escravo, que sonha com a liberdade, vê-a personificada nas forças da natureza, especialmente no cavalo. Este, com o qual Gabila estabelece uma amizade, praticamente uma irmandade, simboliza a vida livre, em comunhão com o mundo natural. Por isso, como na lenda popular, o verdadeiro companheirismo é encontrado ao lado do animal. Assim, Gabila, ao se ver libertado pelos farrapos, procura imediatamente Malungo, potro que criou e que nenhum branco conseguira domar:

Galga sangas e valos, tudo é fácil,
Gabila livre já não teme a morte!
Em pouco susta o passo num potreiro,
Com voz arfante solta um brado forte:

"Malungo! nobre amigo,
Agora vem comigo,
Na asa da glória tu serás meu norte."⁶

Neste sentido, a relação especial de Gabila com Malungo determina uma característica que será expandida pelo regionalismo: é a do animal como sinônimo de liberdade, configurando um eixo que unifica o homem, o mundo natural (representado pelo cavalo, seu principal e mais fiel companheiro) e um ideal, o da vida livre e libertária. O gaúcho é o sujeito destas propriedades, mas ele tem no negro, especialmente no heróico Gabila, um antecedente, embora seu grande ancestral seja, na maioria dos poemas regionais, o índio, como se verá a seguir.

Enfim, cabe assinalar mais um elemento de afinidade entre os poemas abolicionistas e a lenda popular: é que a liberdade nunca é conquistada, mas sim concedida. Em "Gabila", são os farrapos os que libertam o escravo e, depois, este se torna um herói na guerra. Taveira Jr. conclui seu "Vozes d'alma" com uma recomendação: "Escravo, encara o céu; crê e espera."⁷ E Caldre e Fião relata, de modo elogioso e emocionado, a generosa ação do Partenon Literário, "arauto da idéia liberal"⁸, angariando fundos para a concessão de alforria às crianças escravas e dando continuidade ao processo de "abolição gradual"⁹ dos negros.

É interessante verificar como os sulinos representam este desejo de solução gradual, através da alegoria encenada durante a festa da doação de alforria:

Levantou-se o pano: era o **Elogio Dramático** que havíamos esboçado, e cujos versos dêramos a composição dos jovens e ardentes poetas da nossa cidade, que ia ser recitado. Os compositores tinham compreendido o pensamento e tornado-o simpático.

A **Liberdade** visitando as plagas brasileiras encontra o **Brasil** tão varonil antes, lânguido e triste: anima-o, e reparando para o fundo da floresta, vê o **Escravo** lugubrememente cantando, coberto de andrajos e cicatrizes recentes, entregue à lida diurna. Compreende a sorte do Brasil, e invoca o auxílio do céu: desce então um **anjo mensageiro**, prediz a **abolição gradual** e entrega o **Escravo à Liberdade** como uma promessa de Deus, e indo a fundo, ordena como um meio prático a **libertação dos ventres**, que é simbolizada por um grupo de vinte e uma crianças que o **Partenon** havia libertado, e que ali estavam pendentes dos seios maternos, de suas mães **ainda escravas**¹⁰.

Nada mais expressivo para evidenciar a colocação da luta abolicionista: ao escravo cabe ainda o papel passivo e pacífico, à espera da concessão divina, que, de fato, era humana e branca¹¹. Por isto, ao ordenar ao escravo "encara o céu; céu e espera", Taveira Jr. reforça que:

a) não é ao escravo que cabe a luta pela liberdade; esta é proveniente do alto;

b) o alto é o mundo divino, sendo que os "brancos liberais" tornam-se seus representantes na terra. Assim, Taveira Jr. escreve ainda:

Porém dentre os destroços do combate
Renascerá por fim a liberdade,
Conduzindo o escravo pela destra¹².

Esta interferência do branco liberal no processo de liberação, tornando-se seu agente integral, aparece ainda configurado de modo exemplar nos poemas, por intermédio de dois recursos técnicos:

a) pela invocação do papel do Poeta, arauto dos arautos, que anuncia festivamente a libertação:

Hosanal Após também terás do poeta
Um hino festival para saudar-te
De tua remissão na leda aurora¹³.

b) é o poeta quem, narrando as desventuras de seus heróis cativos, se apropria do discurso sobre a escravidão e liberdade, emitindo conceitos sobre suas respectivas naturezas:

É triste a condição do cativo
Votado ao infortúnio desde que nasce
O cativo, o escravo acurva a fronte
Diante do senhor — igual na essência
À vítima inocente da maldade.
Na vil situação em que se arrasta
Não lhe é dado sentir uma esperança,
Entrever uma aurora, que, risonha
Lhe faça pressentir, cá nesta vida,
Uma sorte mais doce e mais humana¹⁴.

É igualmente o poeta que assegura ao preto sua identidade brasileira, para garantir-lhe não apenas uma nacionalidade, ou melhor, uma **condição humana**, enquanto cidadão, com direitos, sentimentos e honra, como também sua solidariedade

com os ideais pátrios, enfim sua adesão àqueles que lutam por ele. Neste sentido, veja-se o poema de Caldre e Fião, "Escravo brasileiro"¹⁵ ou os seguintes versos de Apolinário Porto Alegre:

Um crioulo, Gabila era seu nome,
.....
Brasileiro no gesto, nos lampejos
Que dos olhos jorrava, como as águas
Que a pororoca eleva em cordilheiras
É arremessa d'encontro ao mar irroso;
Brasileiro no ardente entusiasmo
Que lhe fervia n'alma em catadupas,
Ao perpassar de aspirações e sonhos,
Como o ipê robustos, arrojados
Como o vôo do condor — além das nuvens!¹⁶

Por todos estes aspectos, evidencia-se que a temática abolicionista apresenta uma duplicidade: servindo para denunciar a condição escrava e seu caráter degradante, visa também a desenhar o papel do branco dentro do processo de liberação, fazendo deste, sobretudo se liberal, seu principal herói e sujeito. É ele quem oferece a liberdade ao preto, do que resultam a adesão deste à sua luta política (assim, Gabila torna-se um brilhante soldado farroupilha e Chico Diabo, "um obscuro mulato", segundo Apolinário Porto Alegre¹⁷, elimina o tirânico Nero americano, isto é, Solano Lopes, durante a guerra paraguaia) e a reconquista da dignidade nacional (o que igualmente preocupara Castro Alves), sem que seja procedida a uma modificação radical das estruturas, pois o processo é gradual. Ao mesmo tempo, o abolicionismo possibilita uma homenagem à liberdade, ideal maior da geração, que será posteriormente desdobrado, quando do tratamento da temática regionalista e do culto ao herói rio-grandense, senhor das coxilhas.

1.2 — A república

O repúdio à escravidão foi um elo comum nos escritores do Partenon Literário. Esta atitude levou-os à exaltação da liberdade como um valor supremo, para o qual inevitavelmente a nação se dirigia. Daí as palavras de Múcio Teixeira:

A noite por mais longa que seja — finalmente
Tem de ceder à luz do sol que há de surgir:
Assim — após a treva da noite do presente
Em breve hás de raiar — n'aurora do porvir!

Tu hás, ó Liberdade! ser a coluna ardente
Que o povo d'Israel conduza à Promissão...
— A única Babel que o Criador consente
Que a humanidade eleve acima d'amplidão!¹⁸

Em outros textos, a causa abolicionista vem associada ao ideal republicano, cujo fim é também a liberdade. Nesta medida, servirá mais uma vez a exaltação dos Farrapos, em cuja plataforma estavam unidos os propósitos libertários e republicanos. No poema "Gabila", já se demonstrou esta unidade; mas a perspectiva política avulta nitidamente na obra de Apolinário Porto Alegre; veja-se, para tanto, os poemas "A evasão" e "Tobias", onde os farroupilhas são heróicos não apenas por seus feitos, mas por seu ideal republicano:

De repente um batel nas águas surge
E os homens que trazem descoberto o peito:
À república: um viva ao longe ecoa
E a nove leve para o largo aproa.¹⁹

la o barco com as velas enfunadas,
A tricolor bandeira sobre o mastro,
Lábaro da República, águia excelsa,
Que no espaço se libra como um astro!²⁰

Importa ainda, nestes dois poemas, onde se narram as aventuras e as adversidades dos rio-grandenses, o fato de que ambos culminam com uma homenagem à liberdade, confirmando a unidade estabelecida entre os ideais libertadores (que se identificam com os da causa abolicionista, se bem que esta fosse igualmente uma bandeira do Partido Liberal, monarquista) e os republicanos:

Doces auras ao porto te conduzam,
No mastro erguida a tricolor bandeira!
Altiva cruza a equórea imensidade,
Que levas o penhor da liberdade!²¹

São leões que no chão da luta tombam:
— República! exclamando ao sol da glória;
— República! exclamando aos pés da morte
Levados pelo arcanjo da vitória!
São os filhos da augusta liberdade
Transpondo os penetrais da eternidade.²²

Apolinário Porto Alegre é o escritor mais visivelmente comprometido com o ideal político republicano; porém, também Múcio Teixeira, durante a década de 70, quando ainda

vivia no Rio Grande do Sul, expressou as mesmas simpatias políticas. E, ao contrário de Porto Alegre, onde a posição republicana aparece integrada na tradição rio-grandense, remontando ao passado revolucionário e aos ideais de liberdade, que pertencem à natureza do homem do pampa, em Teixeira, este destino político vincula-se às novas teorias — o cientificismo e o positivismo. Cabe assinalar que é esta filosofia que marca a geração que liderará o PRR, sendo responsável pela instalação de um domínio político que se estenderá dos primeiros anos da década de 90, com Júlio de Castilhos, até à consolidação da administração de Getúlio Vargas, nos anos 30 deste século, demonstrando a continuidade e harmonia dos intelectuais do Partenon Literário com os chefes partidários da Província:

O coveiro que venha abrir a cova,
Co'a enxada das modernas teorias,
Para enterrar-se à luz da vida nova
O fúnebre caixão de Monarquias!...²³

Deste modo, o exame da ascendência do pensamento republicano em nossos poetas está impregnado pela ideologia que orientará a instalação do PRR em nosso meio e o levará ao poder, quando da derrubada de Pedro II. Caracteriza-se pelo estabelecimento dos vínculos com o passado farroupilha, idealizando inclusive seus heróis e suas bravuras e destacando sobretudo o caráter popular do movimento, que permite a pessoas humildes, como Tobias, ou a ex-escravos, como Gabila, atos nobres que vieram a ser gravados pela História e Poesia. Por sua vez, na medida em que são os farrapos os configuradores dos ideais de libertação, fica evidente que é a perspectiva do grande proprietário rural, interessado numa maior autonomia em relação à Corte que predomina; porém, sua associação com os humildes já antecipa a ideologia da "democracia racial" que assinala não apenas o regionalismo rio-grandense, como o populismo que, iniciado pelo PRR, culminará em Getúlio Vargas.

Entretanto, sozinho o ideal político não fornece um corpo doutrinário, como também não o fazem os feitos históricos do passado; desta maneira, torna-se necessária a aderência a uma doutrina de antemão pronta, que dê forma às intenções políticas dos sulinos. É o positivismo a nova religião a ser adotada, porque também é um pensamento antimonárquico, além de moderno e atual.

Em conseqüência, se a adesão à causa abolicionista irmanava liberais, como Caldre e Fião, e republicanos, como Apoli-

nário Porto Alegre, percebe-se que estes últimos vão se separando do partido monarquista liderado por Gaspar Silveira Martins, reproduzindo no campo das Letras o processo desencadeado no âmbito político. Pois, igualmente o PRR estava nascendo de uma ala rebelde do Partido Liberal; e, o que também é importante, são estes homens que virão a liderar a política sul-rio-grandense, assim como os outros irão dominar as artes. Unidos num mesmo movimento, assiste-se então a uma paulatina tomada do poder literário e político, rumo ao estabelecimento de uma oligarquia, por muitas décadas responsável pelos rumos da Província. Nesta medida, o Partenon Literário não apenas demonstra a apropriação pela literatura do discurso político, mas que significou uma ascensão ao poder, através dos meios que este exige para sua conquista.

2. VIGÊNCIA DO ROMANTISMO

Atuando na última década consagrada à escola romântica, os escritores do Partenon Literário manifestam igualmente um envolvimento com algumas idéias fixas deste movimento. Em seus poemas, o amor não correspondido, a valorização da infância, a contraposição entre juventude e morte são assuntos que evidenciam uma leitura e uma simpatia para com a poesia de Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, da mesma maneira como seu comprometimento com a abolição demonstrava o vínculo com Castro Alves. Porém, se os temas pertencem a esta escola — sendo alguns deles “descobertas” específicas suas, como a valorização do mundo infantil — falta à maioria destes versos um elemento vital para a existência de um autêntico sentimento romântico: a presença de um eu lírico.

Não se pode reduzir, obviamente, o romantismo às manifestações do eu. Toda a poesia lírica está de certo modo centrada no sujeito, nas suas mágoas, dores e aspirações. Porém, o romantismo — e este é provavelmente o significado revolucionário da escola — provocou um “culto ao eu” global, ocasionando uma ruptura com toda a poesia que o precede e desencadeando a modernidade na literatura, marcada, a partir daí, pelo isolacionismo do criador, seu caráter marginal, sujeito excêntrico em relação aos objetos do real. Devido a isto, seu próprio eu torna-se sua tábua de salvação, e a individualidade, a marca da sobrevivência de uma unidade em meio a um mundo que se lhe apresenta caótico e fragmentado na sua complexidade.

Em todo o romantismo nacional, este egotismo é bastante raro, mas transparece o deslocamento, traduzido num retorno à natureza (ou ao indianismo) na poesia de Gonçalves Dias,

ou o isolacionismo, que se expande em desejo de regressão ao mundo materno ou fuga para a morte, em Álvares de Azevedo. Nos autores participantes do Partenon Literário, estes temas estão mais uma vez presentes, porém observa-se também o distanciamento entre o assunto, de índole romântica, e o criador, que não o vivencia, como se pode notar neste soneto de Apolinário Porto Alegre:

Com o nascer da vida começam as dores,
E de entorno dos anos se aglomeram cardos!
E bem rasa se torna a perfumar de nardos
Vivificantes bálsamos de belas flores.

De torturas constantes ferinos dardos
No coração se cravam e nos dão palpores;
Porém... Quem mais padece?
Quem mais perde as dores,
Neste mundo de lágrimas que os tristes bardos?

Poeta, deixa a barca nos parcéis correr
Deixa... naufrague embora! O que nos vale a vida!
Sem um sorriso de amor, e sem amor colher?

Nada... Arrastá-la sempre em ascética lida!
Ó antes nunca vira o arrebol nascer!
E mil vezes a morte que a descansar convida!²⁴

O uso da terceira pessoa já faz transparecer a distância entre o discurso do poeta e o tema, como se esse não dissesse respeito à sua experiência mais interior. Isto é, a intimidade não chega a ser devassada e, sem esta pesquisa dos recantos da alma, não existe a poesia dominada por uma vivência dita romântica. Com efeito, esta não poderia existir, quando se verifica, como se fez anteriormente, uma literatura voltada aos negócios públicos. Para tanto, era necessário fechar o coração ao leitor; e, com isto, liquidar a veia mais sentimental.

É Amália Figueroa, a poetisa de vida breve, afastada das lides políticas, que consiste na exceção: em seus versos, o eu lírico se revela, no seu deslocamento ou desconforto em relação a uma realidade adversa:

Não me venhas falar nesses sonhos
Que a procela ao passar derribou...
Os ciprestes nas sombras se altelam!

O simum a miragem levou
A desdita enublou-me a existência
Que o destino maldito selou!

Tanto hino e meu peito soluçal
Tanta flor e minha alma morreu!...
Tanta luz e a esperança fagueira
Para sempre esta angústia varreu.²⁵

Retornam aqui os temas da morte como solução para o infortúnio e o da natureza como refúgio. No poema "Devaneando", a poetisa alcança mesmo uma unidade entre o eu lírico, que divaga, os movimentos das ondas, que simbolizam os pensamentos dispersos, e o próprio ritmo da poesia, em que a redondilha menor determina uma cadência regular, que deve equivaler tanto à oscilação da natureza, quanto à da interioridade da escritora:

Na beira da praia
A vaga se espraia,
Soluça, desmaia
Marulha na areia.
No dorso da vaga
A lua divaga,
Cambia, se apaga,
E a rocha prateia.²⁶

Sendo praticamente um caso isolado entre os autores que participaram ativamente da Sociedade do Partenon Literário, Amália Figueroa confirma, por isto mesmo, o fato de que eram incompatíveis o envolvimento com o tema atual, de índole política, e o pessimismo romântico. Nela, figura marginal no quadro da sociedade porto-alegrense, o confessionalismo encontrou um cultor fiel e ortodoxo; porém, nos demais autores, a incorporação dos ideais românticos se fez muito mais pelo caráter participante que esse movimento também assumiu no Brasil, mas não pela tradução dos assuntos mais íntimos.

Caberia ver como reagiram estes mesmos autores à vertente indianista, programa que também pertenceu ao romantismo brasileiro. Como, porém, o indianismo aqui se amalgama com o regionalismo, sua consideração aparece junta e relacionada.

3. DO INDIANISMO AO REGIONALISMO

Tendo tido seu momento forte durante os anos 40 e 50, o indianismo já havia perdido sua intensidade no final da década

de 60, quando os escritores se organizam em torno do grêmio do Partenon Literário. Todavia, Caldre e Fiação, Apolinário Porto Alegre e Taveira Jr. produzem textos, tendo o índio como herói. "O Membira", de Taveira Jr., revela bem que esta poesia sempre teve como seu mentor Gonçalves Dias: o ritmo, o tema e a ambientação timbira rememoram a epopéia do "I-Juca-Pirama", como se pode ver:

Teu pai já não vive,
Querido Membiral
Da tribo Timbira
Foi bravo e temido;
Seu nome estimado,
Por feitos altivos,
Nos campos festivos
É sempre lembrado.²⁷

A métrica empregada, a redondilha menor, com acentuação regular na segunda e na quinta sílabas, é também a mesma de Gonçalves Dias, como na "Canção do Tamoio" e no "Canto do Piaga". Mais uma vez ainda aparecem estas estátuas heróicas, prontas para a guerra, a fim de provar sua bravura:

Agora que és moço,
Que o buço te aponta,
E a aurora desponta
De um novo horizonte —
Agora, ó Membira,
Minh'única esperança,
Confio-te a herança
De um nobre Timbira.

É tual — Eis as flechas,
E o rijo tacape,
E o rico enduape
De cores formosas —
Por ela, ó querido,
Domina os perigos;
De fracos inimigos
Não caias vencido.²⁸

Em vista disto, o indianismo aqui presente nada tem de inovador, decorrendo sua importância de um outro aspecto: é que, a partir dele, se desenhará a figura do gaúcho, encetando o regionalismo rio-grandense, pioneiro entre os regionalismos nacionais. Assim, visando a conformar a personagem gaúcha, os poetas tratam de associá-lo ao índio, parentesco que nasce da natureza livre de ambos.

É Taveira Jr. quem enfatiza a origem indiana da terra rio-grandense e seus filhos:

Descendes, ó bela,
Da raça tupi —
Da raça dos fortes,
Dos livres — aqui.
Não curvas na guerra,
Que aos fracos aterra,
À nobre cerviz;
Teus filhos são bravos,
Odeiam escravos,
Covardes e vis.²⁹

Filhos de uma raça livre, são eles os defensores desta mesma liberdade:

Enquanto um Centauro
Aqui respirar,
Dos livres o raio
Não há de expirar.³⁰

A liberdade como apanágio do rio-grandense aparece igualmente em Apolinário Porto Alegre:

O livre não teme
Pesados grilhões;
Valente e bravos
Opróbio d'escravos
Não temes ignavos
Em nossos braços.³¹

E no convés surgiram da vitória
Esses do Sul indômitos guerreiros,
Esses homens que morrem, não se entregam,
Que são da liberdade os cavaleiros.³²

O reaparecimento da questão da liberdade dá a medida do regionalismo: ele significa a integração da questão política com a temática romântica. Pois, se a liberdade era a finalidade maior dos liberais e dos republicanos, torna-se necessário fixar o território onde ela eclodia, qual seja, o Rio Grande do Sul, dando vazão ao caráter nativista do romantismo, e o tipo humano que era seu portador, primeiramente o índio, depois, o campeiro. Em vista disso, também o regionalismo é politizado; e ele pôde ser formulado como corrente literária já ao final dos anos 60³³, antecipando-se aos escritores do norte, porque coincidia não apenas com os ideais de liberdade, mas

estava ligado ao separatismo sul-rio-grandense, que tinha como origem o episódio farroupilha. Por esta razão, o regionalismo gaúcho, por meio do engrandecimento do campeiro, do Monarca³⁴ ou do Centauro³⁵, não pode ser desligado, no momento de sua emergência, dos ideais que o cercam: valorização da liberdade; exaltação das raízes do sulino, quais sejam, o índio, livre desde o berço, e o Farrapo, encarnação de todos estes valores positivos, nem do contexto romântico que, visando à promoção dos heróis nacionais, propiciou que este novo culto não fosse percebido apenas nas cores políticas que suscitaram seu aparecimento.

Fruto, assim, de um momento histórico e literário e acompanhando suas transformações, uma vez que a década de 70 assistiu em todo o país a uma deposição do indianismo em favor do regionalismo, este tem, no Rio Grande do Sul, um conteúdo ideológico especial, porque comprometido com o mesmo discurso político que liderou a luta abolicionista e enquetou a propaganda republicana. Nesta medida, pode-se dizer mesmo que ele aglutina todos estes valores (do liberalismo, nativismo, promoção do passado glorioso dos Farrapos), o que não apenas determinou sua vigência naquele momento, mas também sua continuidade enquanto permaneceu no poder a oligarquia, inicialmente castilhistas, depois borgistas, que dominou por muito tempo a vida pública rio-grandense. Conseqüentemente, se o regionalismo gaúcho já está envolvido com a ideologia no poder pela glorificação de um herói para compensar a penúria econômica e o alijamento desta mesma estrutura de poder³⁶, vê-se que ele participa igualmente de uma meta política, como expressão do programa que regerá o principal partido do Estado por muitos anos. Neste sentido, sofrendo de uma limitação ideológica ao longo de sua história, ele partilha ainda uma plataforma partidária, tornando-se mesmo o mais importante instrumento desta, por confundir-se com os rumos que tomava a literatura nacional, na sua transição do romantismo ao naturalismo. Se sua coincidência com o fito político assegurou sua continuidade no âmbito exclusivamente partidário³⁷, esta integração com os caminhos seguidos pela literatura brasileira garantiu o álibi literário. Em outras palavras, foi possível encobrir o primeiro objetivo pela introdução de um segundo, de natureza inteiramente artística. E a literatura sulina pôde sobreviver, porque havia assuntos a ser desenvolvidos e havia o reconhecimento nacional de sua validade. Porém, um outro resultado não se fez esperar: a poesia precisou ser substituída pela prosa de ficção, uma vez que a ruptura romântica impôs à primeira um vínculo com a temática solitária do eu lírico, envolvido com a descoberta de sua intimidade e seu desdobramento imagético, rastro que o simbolismo perse-

guirá. Este fato determinará um distanciamento entre a poesia e a prosa, fenômeno ainda não vivenciado pelos agremiados do Partenon Literário, o que lhes permitiu unificar o assunto regional à expressão em versos.

4 — O PARTENON E O ESTATUTO DO DISCURSO POLÍTICO NA LITERATURA

Por todos os aspectos analisados, não resta dúvida da marca politizada do discurso dos membros do Partenon Literário. Esta é tão forte e tão freqüente que aglutina, em torno de si, as principais orientações da literatura rio-grandense daquele momento histórico e dos seguintes: a valorização da liberdade e de seus heróis, os gaúchos; a rejeição da abolição e a adesão ao programa liberal ou republicano; a promoção do Rio Grande do Sul como local onde se exerce esta liberdade e sua corporificação no campeiro, que passa a ser o sujeito de uma nova tendência da literatura brasileira, o regionalismo. Orientou também o pensamento dos líderes políticos, que levaram adiante estes ideais, ao se identificarem com a doutrina positivista, por esta estruturar os valores que justificariam sua tomada do poder.

Por estas razões, pode-se perceber não apenas a importância histórica do movimento, como seu caráter abarcante: ele influencia a literatura e a política, sem que nenhum dos dois setores abdique de sua autonomia ou especificidade. Porque, se uma delas fosse sacrificada em detrimento da outra, evidentemente não teria tido história, nem continuidade. É por causa deste importante fator que o exame das obras destes escritores permite o redimensionamento do problema inicialmente formulado: pode a literatura politizar-se e continuar existindo? Os poetas do Partenon Literário confirmam esta possibilidade e indicam ainda as condições em que isto pode se dar: no seu caso, trata-se de um momento de tomada do poder, em que os escritores estão engajados nesta transformação; entretanto, e tal é o aspecto decisivo, este é um momento em que coincidem os interesses de produção e recepção. Ou seja, o escritor não é o homem separado da máquina social, mas a representa, organizando mesmo suas aspirações por meio do recurso poético. Assim, descobre veios no interior da literatura para expressar um sentimento que o ultrapassa; atua como um arauto do grupo social, mas preserva sua autonomia e identidade como artista, ao dar uma conformação particular a estes anseios coletivos. Desta maneira, os participantes do grêmio Partenon Literário não podiam ser românticos, enquanto esta escola representou o alargamento da separação do criador em relação ao grupo; porém, eles realiza-

ram de um modo acabado a finalidade maior do romantismo brasileiro, qual seja, a arrumação poética do desejo nacional de ver-se reproduzido na literatura. O que José de Alencar produz no âmbito do país, encontrando para cada indivíduo uma representação heróica no interior do texto literário, alcançam igualmente Apolinário Porto Alegre e seus companheiros. E a literatura se consagra como o espelho de uma sociedade, que retoca sua imagem para se lançar à conquista do poder.

NOTAS:

- (1) Usa-se o conceito no sentido que lhe dá Walter Benjamin, que concebe a arte contemporânea como não aurática, porque passível de ser multiplicada pelos meios de reprodução técnica e utilizada numa luta política revolucionária, em oposição à arte aurática, do passado. V. a propósito BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica". In: LIMA, Luis Costa et alii. *Teoria da cultura de massas*. Rio de Janeiro, Saga s. d. A respeito do conceito de aura, v. também KOTHE, Flávio R. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976 e KOTHE, Flávio R. *Benjamin & Adorno: confrontos*. São Paulo, Ática 1978.
- (2) "Programa da Sociedade 'Partenon Literário'". In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, março de 1869, nº 1.
- (3) V. a propósito CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo, Martins, s. d.
- (4) PORTO ALEGRE, Apolinário, "Gabila". In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, 1874, nºs 7, 8, 10 e 11; 1875, nº 2.
- (5) TAVEIRA JR., Bernardo. "Vozes d'alma". In: *Eco do Sul*. Rio Grande, 1868.
- (6) PORTO ALEGRE, Apolinário, op. cit.
- (7) TAVEIRA JR., Bernardo, op. cit.
- (8) CALDRE E FIÃO, José Antônio do Valle. "A libertação das crianças". In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, 1869, nº 7.
- (9) Id. *ibid.*
- (10) Id. *ibid.* Grifos do Autor.
- (11) Caberia ainda mais uma observação: a de que a concessão de alforria converte-se em espetáculo público, onde os liberais assistem emocionados à sua própria generosidade!
- (12) TAVEIRA JR., Bernardo, op. cit. O grifo é nosso.
- (13) Id. *ibid.*
- (14) Id. *ibid.*
- (15) Cf. CALDRE E FIÃO, José Antônio do Valle. "Escravo brasileiro". In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, 1869, nº 5.
- (16) PORTO ALEGRE, Apolinário, op. cit.
- (17) PORTO ALEGRE, Apolinário. "Ao cabo d'esquadra Chico Diabo". In: *A Reforma*. Porto Alegre, 1870.
- (18) TEIXEIRA, Múcio. "A liberdade". In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, 1875, nº 3.
- (19) PORTO ALEGRE, Apolinário. "A evasão". In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, 1877, nº 7.
- (20) PORTO ALEGRE, Apolinário. "Tobias". In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, 1874, nº 3.
- (21) PORTO ALEGRE, Apolinário. "A evasão".

- (22) PORTO ALEGRE, Apolinário. "Tobias".
- (23) TEIXEIRA, Múcio. "Away". In: *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 1877.
- (24) PORTO ALEGRE, Apolinário. "Soneto". In: *Arcádia*. Rio Grande, 1868.
- (25) FIGUEROA, Amália. "Realidade". In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, 1873, nº 5.
- (26) FIGUEROA, Amália. "Devaneando". In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, 1874, nº 9.
- (27) TAVEIRA JR., Bernardo. "O Membira". In: *Arcádia*, Rio Grande, 1869.
- (28) id. *ibid.*
- (29) TAVEIRA JR., Bernardo. "Rio Grande do Sul". In: *Arcádia*. Rio Grande, 1869.
- (30) id. *ibid.*
- (31) PORTO ALEGRE, Apolinário. "Canto do campeiro". In: *Arcádia*. Rio Grande, 1869.
- (32) id. *ibid.*
- (33) Mesmo que se considere **O corsário** o precursor do regionalismo gaúcho, o argumento permanece válido; ou melhor, torna-se tanto mais evidente a razão desta precocidade no sul.
- (34) V. a propósito TEIXEIRA, Múcio. "Em viagem". In: *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 1878: "O Monarca, que já se tem deitado / Sobre a carona a um lado da figueira, / Ao passo que o piá está ocupado / Em botar lenha à roda da fogueira, / Depois de haver a palha já cevado, / A conserva na boca, — na carreira / Pica o fumo na mão, enrola a palha / E fuma — enquanto a velha come e ralha." É interessante ressaltar dois aspectos presentes neste poema: a) a apropriação literária da expressão "Monarca das Coxilhas", que designa, a partir desta época, o gaúcho heróico; b) a utilização de uma expressão de cunho monarquista para estigmatizar o herói em formação, quando o contexto indicava uma propensão republicana. Examinar as razões desta contradição é uma possibilidade que se abre, devendo levar à ampliação da caracterização dos contrastes existentes no interior do regionalismo rio-grandense.
- (35) V. a propósito PORTO ALEGRE, Apolinário. "Canto do campeiro": "Enquanto um Centauro / Aqui respirar, / Dos livres o ralo / Não há de expirar."
- (36) V. a propósito ZILBERMAN, Regina. *Do mito ao romance. Tipologia da ficção brasileira contemporânea*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1977.
- (37) Lígia C. Moraes Leite demonstra como há um aproveitamento do tipo literário do herói gauchesco durante a campanha presidencial de Getúlio Vargas e, posteriormente, quando da revolução de 30, o que confirma a permanência deste mesmo processo. Cf. LEITE, Lígia C. Moraes. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo, Ática, 1978.